

A MÍDIA IMPRESSA E O ENSINO DE LEITURA NA EJA: NOVOS OLHARES E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Allan de Andrade Linhares*

Resumo: A instituição jornalística, no processo de representação da realidade, recorre a inúmeras estratégias linguístico-discursivas para marcar o seu posicionamento e garantir a adesão de seu interlocutor. Cumpre-nos, com este estudo, responder ao seguinte questionamento: Que estratégias, no ensino de leitura e análise de gêneros da esfera jornalística, são eleitas pelo professor na EJA? Assim, objetivamos investigar as estratégias eleitas pelo professor para o ensino da notícia, gênero da esfera jornalística. Para tanto, dialogamos com Charaudeau (2009, 2012); Bucci (2003), tratando das estratégias linguístico-discursivas utilizadas pela instância midiática no processo de construção da realidade discursiva. Apresentamos noções sobre multimodalidade discursiva a partir de Dionísio (2005); Kress e van Leeuwen (1996). Metodologicamente, analisamos os encaminhamentos sugeridos por uma professora da modalidade EJA para trabalhar com uma notícia, publicada em um jornal impresso, em uma aula de leitura e, em seguida, propusemos a análise das estratégias linguístico-discursivas eleitas por uma instituição midiática para a construção da realidade discursiva. Sugerimos ao professor alguns encaminhamentos a fim de que, ao discutir textos da esfera jornalística com seus alunos, possam eleger estratégias de ensino que contemplem os recursos utilizados pelas instituições jornalísticas midiáticas para construir versões da realidade e, conseqüentemente, manipulação dos enunciatários para a produção de consenso.

Palavras-chave: Ensino de leitura. Discursos. Mídia. Manipulação.

Abstract: The journalistic institution, in the process of reality representation, resorts to innumerable linguistic-discursive strategies to mark its position and ensure the adhesion of its interlocutor. We must, with this study, answer to the following question: What strategies, in the teaching of reading and analysis of genres of the journalistic sphere, are elected by the teacher in the EJA (Youth and Adult Education)? Thus, we aimed to investigate the strategies chosen by the teacher for the teaching of news, genre of the journalistic sphere. To achieve this, we dialogued with Charaudeau (2009, 2012); Bucci (2003), dealing with the linguistic-discursive strategies used by the media instance in the process of the construction of discursive reality. We presented notions about discursive multimodality from Dionísio (2005); Kress e van Leeuwen (1996). Methodologically, we analyzed the referrals suggested by an EJA teacher to work with news, published in a printed newspaper, in a reading class, and then we proposed the analysis of the linguistic-discursive strategies chosen by a media institution for the construction of discursive reality. We suggest to the teacher some guidelines so that, when discussing texts from the journalistic sphere with his students, they can choose teaching strategies that contemplate the resources used by the media journalistic institutions to construct versions of reality and, consequently, manipulation of the enunciator for the production of consensus.

* Docente da Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU), unidade Parnaíba-PI, Brasil. Endereço eletrônico: andrades55@hotmail.com.

Key-words: Teaching reading. Speeches. Media. Manipulation.

Introdução

Considerando que os objetos da Análise do Discurso (AD) são as práticas discursivas, que se concretizam em discursos, cuja materialidade é expressa nos textos circulantes, investigaremos, neste estudo, as estratégias eleitas pelo professor para o ensino de alguns gêneros da esfera jornalística. Para tanto, dialogamos com Charaudeau (2009, 2012); Bucci (2003), a partir dos quais trataremos das estratégias linguístico-discursivas utilizadas pela instância midiática no processo de construção da realidade discursiva. Apresentamos breves noções sobre multimodalidade discursiva com base em Dionísio (2005); Kress e van Leeuwen (1996). Metodologicamente, analisamos os encaminhamentos sugeridos por uma professora da modalidade EJA para trabalhar com uma notícia, publicada em um jornal impresso, em uma aula de leitura e, em seguida, sugerimos ao professor alguns encaminhamentos de estratégias de ensino que contemplem os recursos utilizados pelas instituições jornalísticas midiáticas para construir versões da realidade.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos os pressupostos teóricos, refletindo com Bucci (2003), Charaudeau (2012) sobre os discursos produzidos pelas mídias, bem como sobre a multimodalidade no processo de representação da realidade da mídia impressa. Procedemos, logo depois, às breves noções da metodologia utilizada e à análise dos encaminhamentos sugeridos por uma professora da modalidade EJA para trabalhar com uma notícia, publicada em um jornal impresso, em uma aula de leitura. Por fim, propusemos a análise das estratégias linguístico-discursivas eleitas por uma instituição midiática para a construção da realidade discursiva.

Os discursos produzidos pelas instituições jornalísticas

A matéria discursiva liga o enunciador ao enunciatário e vice-versa, referenciando os lugares e os tempos discursivos, as imagens e os sentidos em circulação, em disputa na mídia.

Entendemos, aqui, discurso como objeto de conhecimento configurado em produtos culturais empíricos que são chamados de textos, porém não se trata apenas de textos verbais, orais ou escritos, pois envolve outras semióticas, como as imagens.

Diante disso, depreende-se que os discursos têm papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem na sociedade, pois é por meio dos textos que se travam as batalhas que levam os participantes de um processo comunicacional ao reconhecimento do aspecto hegemônico dos discursos produzidos por um dado enunciador.

Assim, é perceptível que os discursos produzidos pelos jornais populares, nosso interesse de análise, como os de todo jornal, hierarquizam sentidos e valores. As instituições jornalísticas, portanto, usam de poder para construir realidades, manipular os enunciatários a que se destinam, apresentar versões da realidade. Acreditamos que essas instituições jornalísticas ordenam e disciplinam e, para tanto, constituem a realidade que elas mesmas apresentam como sendo a realidade feita de fatos. (BUCCI, 2003, p. 9). Depreende-se, assim, que a linguagem constrói, discursivamente, a realidade.

Mídia e os seus discursos: uma relação contratual

Os discursos, como práticas sociais de produção, circulação e consumo textual, são construídos no interior de instituições, logo, essa constituição se dá a partir de um quadro de referência. Esse quadro é, pois, constituído por uma situação de comunicação, a qual é “como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico”. (CHARAUDEAU, 2012, p. 67). Os parceiros da comunicação, portanto, assumem um acordo prévio (contrato de comunicação) sobre como serão realizadas as suas trocas languageiras a partir do reconhecimento da situação de comunicação. Segundo Charaudeau (2012), o contrato de comunicação é resultado das características inerentes¹ à situação de troca (dados externos¹) e das características dos discursos dela decorrentes (dados internos).

Os discursos são produzidos considerando uma dada finalidade, um objetivo que sustenta as escolhas discursivas. Charaudeau (2012) denomina de *visadas* as possíveis influências sobre o que se enuncia e como se enuncia, considerando as intenções dos enunciadores. São quatro os tipos de visadas: *fazer fazer*, *fazer saber*, *fazer crer* e *fazer sentir*. Considerando o objetivo deste artigo, entendemos que o jornal popular analisado prioriza as

¹ Os dados externos, considerando o tipo de condição de enunciação, podem ser agrupados nas seguintes categorias: condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo. (CHARAUDEAU, 2012).

visadas *fazer saber* e *fazer sentir*. A visada fazer saber (informativa) consiste em “[...] transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo”. (p. 69). Já a visada do *páthos*, *fazer sentir*, consiste em “[...] provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável”. (p. 69). Os jornais populares trabalham, principalmente, com essas duas visadas, todavia o estado emocional dos leitores (fazer sentir) ganha prioridade sobre o ato de informar (fazer saber).

No processo de construção da notícia, a instância midiática, aquela que, na produção, “[...] integra os diferentes atores que contribuem para determinar a instância de enunciação discursiva”, pondera valores, crenças, o lugar social da instância de recepção. (CHARAUDEAU, 2012, p.73-74). Tal instância pode ser abordada pela instância midiática como alvo intelectual ou alvo afetivo. De acordo com Charaudeau (2012), o alvo intelectual é capaz de avaliar seu interesse para aquilo que lhe é disponível pela instância midiática. Já o alvo afetivo avalia a notícia movido pela emoção, não procede, portanto, a uma avaliação racional. Os jornais populares, considerando o público a que se dirigem, selecionam recursos que ativem a emoção, que comovam os seus leitores.

A multimodalidade no processo de representação da realidade a partir da mídia impressa

Em uma visão integradora entre as diferentes linguagens, torna-se imprescindível o conceito de multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996; KRESS, 2010; DIONÍSIO, 2005), entendido como coocorrência de vários modos de representação da linguagem (semioses), que se integram na construção de significados em interações sociais. De acordo com Descardecì,

[...] qualquer que seja o texto escrito, ele é multi-modal, isto é, composto por mais de um modo de representação. Em uma página, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página (*layout*), a cor e a qualidade do papel, o formato e a cor (ou cores) das letras, a formatação do parágrafo, etc., interferem na mensagem a ser comunicada. Decorre desse postulado teórico que nenhum sinal ou código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem. (DESCARDECI, 2002, p. 20).

O termo multimodalidade é proposto nos trabalhos de Kress e van Leeuwen (1996) e Kress (2010) com o intuito de se levar em consideração os diferentes modos de representação

da linguagem (palavras, sons, cores, imagens, *layouts* etc.) na construção de sentidos, resultante dessa inter-relação. Kress e van Leeuwen (1996) orientam que, em um trabalho de análise,

[...] Procuramos não ver a imagem como uma ilustração do texto verbal, e, desse modo, deixamos não só de tratar o texto verbal como prioritário e mais importante, como também de tratar o texto visual e verbal como elementos totalmente discretos. Procuramos ser capazes de olhar para toda a página como um texto integrado. (p. 177).

Os autores propõem, então, uma visão integradora entre diferentes modos de linguagem. Assim, é impossível interpretar os textos com a atenção voltada apenas à língua escrita ou oral, pois, para ser lido, um texto deve combinar vários modos semióticos.

Descardecí (2002) e Dionísio (2005), respaldando-se em Kress e van Leeuwen, afirmam que toda manifestação de linguagem é inerentemente multimodal. Do ponto de vista desta pesquisa, isso se constitui num importante pressuposto para a análise das estratégias usadas pelas instituições midiáticas no processo de construção da realidade, haja vista que os gêneros da esfera jornalística selecionam estratégias linguístico-discursivas diversas no processo de manipulação dos enunciatários para a produção de consenso. Essas estratégias precisam ser eleitas pelos professores ao discutirem esses gêneros, a fim de tornarem nossos alunos menos manipuláveis e repetidores de realidades construídas.

Kress (1997) acredita que os signos resultam de interesses de seus construtores, que se expressam por meio da seleção de significantes capazes de exprimir o sentido desejado pelo “produtor” do signo, devendo, desse modo, ultrapassar a teoria do uso.

Como resultado dessa postura, o poder é um dos relevantes princípios do texto multimodal. Como produtores e leitores possuem poder em relação ao texto, produzem-se signos complexos, sustentados pelos interesses dos interlocutores.

Estratégias linguístico-discursivas eleitas pela mídia impressa

Guiados pelo objetivo de investigar as estratégias eleitas pelo professor para o ensino de alguns gêneros da esfera jornalística, analisaremos como uma professora de 4º ciclo da modalidade EJA de uma escola pública municipal de Parnaíba-PI intermedeia discussões

sobre uma notícia divulgada no Jornal *Diário de São Paulo* de 20/10/2013. Nosso corpus é, portanto, constituído por transcrição de uma aula gravada em áudio e notas de campo².

Nossa análise vai se organizar a fim de seguir as atividades desenvolvidas pela professora durante a aula de leitura, ou seja, as estratégias eleitas com o foco na leitura e compreensão do texto. A partir da análise empreendida, será possível perceber, portanto, se a reflexão sobre as estratégias linguístico-discursivas eleitas pelos gêneros midiáticos são priorizadas. E, diante dos resultados dessa análise, encaminharemos algumas atividades que podem colaborar com o ensino de estratégias de leitura que contemplem os recursos utilizados pelas instituições jornalísticas midiáticas para construir versões da realidade.

Estratégias eleitas pela professora na discussão de matéria em *O Diário de São Paulo*

A professora elegeu para uma aula de estudo de texto uma notícia divulgada no Jornal *Diário de São Paulo* de 20/10/2013. Tal jornal é de cunho popular, considerando-se o tipo de linguagem e a classe dos coenunciadores a que visa.

Procederemos, então, à proposta realizada pela professora para o estudo da notícia, cujo assunto tratava das ações de vandalismo realizadas pelos mascarados do Black Bloc, durante um protesto de ativistas dos direitos dos animais contra o Instituto Royal. O título da manchete do jornal é *Cachorrada*.

Para iniciar o estudo do texto, a professora propôs que os alunos fizessem uma leitura silenciosa e, posteriormente, analisassem o que estava sendo noticiado, o assunto da matéria.

Vejamos a transcrição da discussão realizada, após a leitura:



Professora: *Então, turma. Após terem lido aí o texto, o que vocês conseguiram tirar dele? O que o texto informa? Nós temos aí uma notícia, um gênero jornalístico que está presente no nosso dia-a-dia.*

Aluno 1: *A notícia fala dos vira-latas das causas justas, professora.*

² Esclarecemos que os dados utilizados neste artigo advêm da pesquisa de doutorado intitulada Ensino de Leitura na EJA: análise das narrativas de formação de professores de 4º ciclo. A constituição dos dados se deu durante a observação das aulas das colaboradoras, uma das fases da referida pesquisa.

Professora: E quem são eles?

Aluno 2: Pra mim, é esse cara de preto que está mascarado.

Professora: E qual é o nome da notícia?

Aluno 1: Cochorrada.

Professora: CACHORRADA, não é? Pois é, a notícia aí quer nos informar sobre alguma coisa que aconteceu na atualidade e apareceu num jornal, pois os jornais divulgam coisas atuais. No caso aí, a invasão do Instituto Royal pelos ativistas que protestavam contra o uso de animais em pesquisas. Olhem aí as imagens que mostram cenas que aconteceram no movimento!

Percebemos, a partir das orientações propostas pela professora, que ela não lança mão de estratégias que possibilitem aos alunos irem além de aspectos, meramente, formais. Não foi permitido aos alunos compreender que todas as estratégias utilizadas pelo enunciador de *Diário de São Paulo* surgiram de um propósito de construir um efeito de sentido determinado por suas tendências e valores, os quais ficam marcados por meios das estratégias linguístico-discursivas selecionadas.

Ao iniciarmos a análise de um texto multissemiótico, nos dizeres de Vieira (2007), é indispensável que ultrapassemos o aspecto formal. Isso não significa que a estrutura seja desconsiderada em benefício da função, mas simplesmente que “[...] não devemos nos fixar apenas na análise de aspectos gramaticais e linguísticos. Antes, juntamente com o texto, devemos considerar o contexto linguístico, o situacional e, sobretudo, o contexto cultural” (p. 29).

Portanto, quer seja um texto construído em bases somente verbais, quer seja um texto alicerçado em outros recursos multimodais, devemos considerar que as imagens igualmente comunicam aspectos relevantes das relações sociais, além de fatos, estados de coisas e percepções que o comunicador deseja transmitir.

Novas perspectivas de análise para o texto midiático

Dedicar-nos-emos, agora, à apresentação de alguns encaminhamentos que consideramos mais produtivos, ancorados na análise das estratégias linguístico-discursivas eleitas pelo Jornal *Diário de São Paulo* de 20/10/2013 na produção da matéria *Cachorrada*.

Como já dissemos, o Jornal *Diário de São Paulo* é popular e, como tal, utiliza-se de linguagem sensacionalista. O sensacionalismo atual herda matrizes culturais da modernidade. Sensacionalista é a publicação que trouxe as seguintes características:

- 1- a ênfase em temas criminais ou extraordinários, enfocando preferencialmente o corpo em suas dimensões escatológica e sexual;
- 2- presença de marcas da oralidade na construção do texto, implicando em uma relação de cotidianidade com o leitor;
- 3- a percepção de uma série de marcas sensoriais espalhadas pelo texto como a utilização de verbos e expressões corporais (arma “fumegante”, voz “gélida”, “tremer” de terror etc.), bem como a utilização da prosopopeia como figura de linguagem fundamental para dar vida aos objetos em cena;
- 4- a utilização de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional: manchetes “garrafais”, muitas vezes seguidas por subtítulos jocosos ou impactantes; presença constante de ilustrações, como fotos com detalhes do crime ou tragédia, imagens lacrimosas, histórias em quadrinho reconstruindo a história do acontecimento, etc.;
- 5- na construção narrativa, a recorrência de uma estrutura simplificadora e maniqueísta;
- 6- relação entre jornal sensacionalista e seu consumo por camadas de menor poder aquisitivo, que, por diversas razões, seriam manipuladas e acreditariam estar consumindo uma imprensa “popular” (...) quando, no fundo, estariam consumindo um jornalismo comercial feito para vender e alienar. (ENNE, 2007, p. 2-3 apud SELIGMAN; COZER, 2009, p. 5).

Como já fora dito, a notícia tratava das ações de vandalismo realizadas pelos mascarados do Black Bloc, durante um protesto de ativistas dos direitos dos animais contra o Instituto Royal. O título da manchete do jornal é *Cachorrada*. O termo aparece na parte superior da matéria, escrito em caixa alta e cor branca, o que o deixava em evidência, pois o fundo era colorido. A seleção por esse vocábulo já cumpre um propósito, fazer uma avaliação sobre a postura dos black blocs. Ao tempo que a manchete apresenta o fato, constrói, também, uma avaliação do fato. Temos, então, fato e opinião do fato juntas. Esse tipo de estratégia é típica dos jornais populares. É possível dizer, portanto, que o termo *cachorrada* funciona, na notícia, como um adjetivo injurioso, atribui característica negativa. Vejamos que o enunciador, estrategicamente, construiu um adjetivo que advém do substantivo cachorro, já que toda a matéria deveria dar destaque ao movimento dos ativistas que negavam o uso dos cachorros da raça beagle em pesquisas. Para originar o adjetivo, foi realizado o acréscimo do

sufixo –ada, o qual é usado para significar abundância, aglomeração, coleção, como no caso de *boiada*. Todavia, esse sufixo foi tomado, pejorativamente, na construção realizada pelo jornal. Mais uma vez, reiteramos a postura avaliativa assumida pelo *Diário de São Paulo*.

A professora, na discussão feita com os alunos, não fez nenhuma alusão à escolha desse termo, fato que seria necessário para que despertasse nos alunos o entendimento de que, conforme nos ensina Kress (1997), as modalidades escrita, oral e visual concedem ao construtor do signo a realização do seu propósito ideológico. Não foi priorizado, também, nas colocações da docente, o discernimento de que o jornal era popular e, esse fato já marca a opção por determinados recursos e, portanto, uma forma particular de construir a realidade.

Acrescentamos, também, que o uso do termo *cachorrada* constituiria, segundo Dias (2008), uma metáfora gíria. O vocábulo, empregado com propósito sensacionalista, cria um traço humorístico, recurso recorrente nos jornais populares. O traço desta metáfora “[...] consiste em designar uma coisa por uma de suas qualidades, um de seus aspectos conhecidos como permanente e essencial” (GUIRAUD, 1966, p. 55 apud DIAS, 2008, p. 90). Por essa razão, é facilmente compreensível pelo povo, haja vista que a usa diariamente.

O chapéu da notícia *Vira-latas das causas justas* também acentua descrédito dada à postura dos mascarados. Vejamos que o referente *ativistas* foi recategorizado como *vira-latas*, o que sinaliza um propósito argumentativo do jornal, considerando que esse termo assume, no cotidiano, um tom pejorativo, ou seja, uma pessoa sem categoria, sem classe. Na construção da notícia, obviamente, atribuiu-se aos mascarados a avaliação negativa de vândalos, de desestabilizadores da ordem. Mais uma vez, retoma-se, estrategicamente, a ideia de cachorro, pois os vândalos teriam desestabilizado um movimento, cujo foco era a defesa de animais usados em pesquisas. A expressão *vira-lata* retoma a ideia daquele cachorro sem pedigree, o mais baixo representante da raça canina, que vive na rua revirando lixo à procura de comida, sem ter ninguém que se interesse por ele. Daí a razão para a referência construída aos mascarados.

Percebemos que, ao se fazer uso de *cachorrada*, *vira-lata*, foi montada uma rede semântica com o foco em animais, em virtude de esses termos pertencerem a um mesmo campo de sentido. A ativação desses frames exigia dos leitores recorrerem aos seus modelos conceituais, a fim de que a interação fosse, satisfatoriamente, construída e a intenção comunicativa do enunciador ativada/construída.

Outra marca de popularidade é perceptível na capa do jornal. No destaque, o texto: *Mascarado bota fogo em viatura policial e sai como se nada tivesse acontecido*, localizado ao lado do carro em chamas, salienta outro indício de um jornalismo popular, pois a expressão *bota fogo* funciona como um eufemismo gírio. Obviamente, essa escolha linguística está ancorada em um propósito discursivo, já que, mais uma vez, o enunciador estabelece um ato de transgressão assumido pelos vândalos de preto. Essa forma de emitir opinião, também, é uma marca dos jornais populares. A imagem do carro em chamas dialoga com as escolhas lexicais *bota fogo*, marcando um propósito do enunciador. Esse aspecto é reforçado pela posição das imagens, pois a autor da ação (botar fogo) aparece em realce, isto é, é dado a ele o destaque da ação que aparece ao fundo. Tal fato está de acordo com as colocações de Vieira (2007, p.27):

Em essência, nenhuma imagem é natural ou semiótica em si mesma. Todas são convencionais e resultam de construção cultural e social. Por essa razão, em qualquer análise deve-se procurar identificar os valores e as regras de organização desses sistemas de significados. Que elementos não-verbais se relacionam com as imagens? Como as imagens se articulam? Que ideologias são veiculadas por elas? Com relação ao texto, como ocorre a composição com as imagens?

É preciso, portanto, considerar que todos os produtos da mídia aparecem extremamente carregados de valores ideológicos.

Outro aspecto importante a ser considerado nesse processo de construção do discurso da violência é o foco dado pelo enunciador na capa do jornal. É possível perceber que o *Diário de São Paulo* priorizou, no discurso da capa, a consequência do movimento, e não o objetivo. O objetivo seria tratar sobre a invasão do Instituto Royal pelos ativistas que protestavam contra o uso de animais em pesquisas. No dia do movimento, retiraram do local 178 cães da raça beagle. A consequência do movimento teria sido o protesto realizado pelos mascarados do Black Bloc na Rodovia Raposo Tavares. A prova da prioridade dada à consequência está em toda a capa do jornal, pois o foco foi a imagem de um mascarado e um carro em chamas. Outra prova dessa prioridade é a topicalização da matéria da capa, pois o maior destaque foi dado ao protesto dos integrantes do Black Bloc, apenas um tópico tratava especificamente sobre os ativistas, cuja denominação era *resgate*. É necessário acrescentar,

também, que, na notícia em discussão, o *lide*³ tratava do incêndio realizado pelos mascarados. Constatamos, então, que o foco, de fato, era a consequência do movimento. Mais uma vez, um recurso priorizado pelos jornais populares.

A professora, em sua discussão, informou aos alunos que a matéria tratava da invasão do instituto Royal. Não chamou atenção dos alunos, abrindo uma discussão sobre as imagens e os termos selecionados pelo enunciador do jornal, que, na verdade, o que seria consequência dos fatos, tornou-se a grande prioridade dos discursos construídos pela instituição midiática *Diário de São Paulo*.

Percebemos, assim, que a matéria em análise utiliza da violência para falar de violência. Com apelo ao sensacionalismo, joga com as palavras, utiliza recursos expressivos para tratar de um evento violento. Ao fazer isso, age com violência, pois explora um evento trágico que a banaliza, explora a agressividade. (DIAS, 2001).

Entendemos que falar a respeito da violência, ao passo que se usa de recursos para promovê-la, é uma característica do sensacionalismo criado pelos jornais populares. Logo, considerando as contribuições de Charaudeau (2012), a instância midiática, ao se reportar à instância de recepção (o público), pondera os valores ético-sociais e afetivo-sociais, a fim de apresentar uma informação que atenda às expectativas do público. Isso faz parte do contrato de informação. Por essa razão, os jornais populares, considerando o alvo afetivo, apelam para algumas sensações que podem ser despertadas no homem. De forma intersubjetiva, a instância midiática vai construindo suas estratégias para a promoção dos discursos da violência, no caso do exemplo discutido neste artigo.

Ainda tomando como respaldo os pressupostos de Charaudeau (2012), entendemos que o *Diário de São Paulo*, ao eleger as estratégias elencadas neste estudo, prioriza a visada *fazer sentir*, pois o estado emocional do público é mais explorado nos discursos da violência promovidos pelos jornais populares. (DIAS, 2001). Entendemos, contudo, que haja um mascaramento entre a visada informativa e a do *Páthos*. Fazem sentir para fazer saber.

Considerações finais

³ Primeiro parágrafo do texto que relata o que há de mais importante e essencial no encadeamento de uma sequência de fatos.

Percebemos que, na condução da aula de leitura, a professora não priorizou as estratégias multimodais eleitas pela instituição jornalística, o que impossibilita aos alunos um olhar mais crítico diante de textos repletos de posturas, discursivamente, marcadas.

Com a análise, feita por nós, das estratégias linguístico-discursivas eleitas pelo jornal *Diário de São Paulo*, sugerimos ao professor alguns encaminhamentos, a fim de que, ao discutir textos da esfera jornalística com seus alunos, possam eleger estratégias de ensino de leitura que contemplem os recursos utilizados pelas instituições jornalísticas midiáticas para construir versões da realidade e, conseqüentemente, manipulação dos enunciatários para a produção de consenso. A análise das imagens e de vários elementos de outras semioses (posição da imagem, diagramação da página (layout), cor do papel, formato e cor das letras, formatação do parágrafo, disposição do texto no papel etc) foram necessárias em nossa abordagem, uma vez que a linguagem constrói discursivamente a realidade.

Acreditamos que essa discussão promoverá a formação de leitores críticos, leitores capazes de perceber as estratégias eleitas pelos enunciadores das instituições jornalísticas no processo de construção da realidade. Nos encaminhamentos sugeridos, enfatizamos que os recursos utilizados na construção dos discursos da capa de um jornal marcam tendências, posições assumidas. Nossa proposta é que os professores considerem, na leitura de textos jornalísticos, os recursos verbais e visuais que marcam propósitos discursivos.

Referências

BUCCI, E. O jornalismo ordenador. In: GOMES, M. R. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker, 2003.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução: Ângela S. M. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela S. M. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DESCARDECI, M. A. S. Ler o mundo: um olhar através da semiótica social. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 3, n. 2, p. 19-26, jun. 2002.

DIAS, A. R. A notícia como entretenimento no jornal sensacionalista e sua relação com a comicidade. In: URBANO, H. et al (Orgs.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, leitura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B. BRITO, K.S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.

KRESS, G. Multimodal texts and critical discourse analysis. It: *Proceedings of the First Internacional Conference on Discourse Analysis*. Compilado por Emília Pedro. University of Lisbon, Portugal: Colibri, 1997.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

KRESS & VAN LEEUWEN, T. *Reading Images – The grammar of visual Design*. London: Routledge, 1996.

SELIGMAN, L.; COZER, K. R. B. *Jornais populares de qualidade: ética, e sensacionalismo em um novo padrão de jornalismo de interior catarinenese*. Rio de Janeiro: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornais-seligman.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

VIEIRA, A. V. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. In: VIEIRA, A. V. et al. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.